

Divaldo P. Franco Pelo Espírito Eros

Divaldo P. Franco

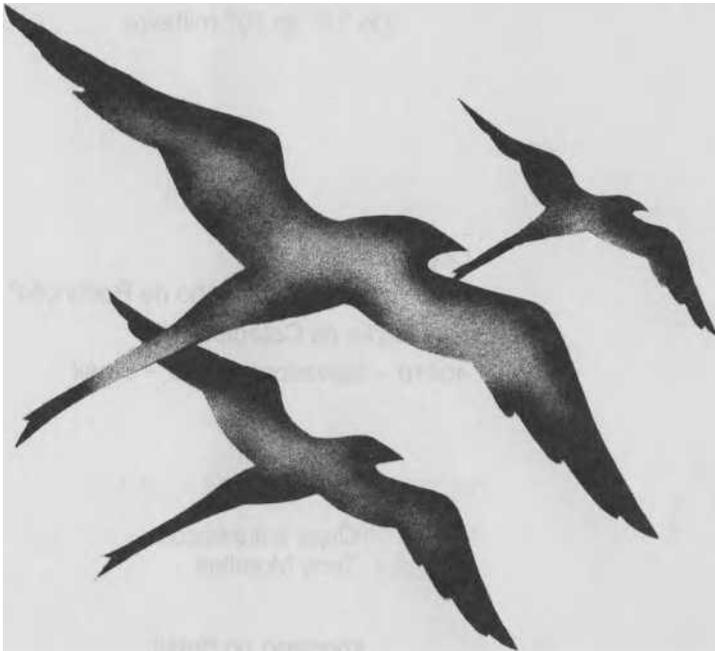
Em algum lugar no futuro



Em algum lugar no futuro

Divaldo P. Franco

Pelo Espírito Eros



.Em algum lugar no futuro

2ª edição
Do 11^o ao 20^o milheiro
Copyright 1987 by

EM ALGUM LUGAR NO FUTURO

Somos aprendizes da vida, que nos conduz ao porvir libertador.

A tradição da sabedoria antiga oferece mestres devotados em toda parte, sempre dispostos para o ensino do bem.

Pacientes e generosos, a sua palavra orienta e acalma, apontando os roteiros seguros para os passos humanos ansiosos.

Quando o indivíduo se propõe a entender a realidade e se predispõe a penetrá-la, encontra outros mestres sábios nas lições vivas da Natureza, nas quais haure resistência contra as paixões e vigor para as lutas.

Este é um pequeno livro para reflexões, trabalhado na experiência luminosa de pensadores do Oriente e nas canções exuberantes dos seres e das coisas do cotidiano.

Clareado pelo exemplo de Jesus-Cristo, é uma oferenda para quem deseja crescimento íntimo e harmonia pessoal.

Resultado de pesquisa carinhosa e vivência contínua, oferecemo-lo ao caro leitor, confiando que de suas páginas sairão conforto e esperança, otimismo e sabedoria para guiá-lo desde hoje até esse formoso algum lugar no futuro que a todos nos aguarda.

Eros

Salvador, 10 de agosto de 1987.

Prece para a ação

Senhor, deste-me olhos, que são estrelas fulgurantes no céu da face, para que eu possa contemplar as belezas da vida. Ajuda-me a torná-los claridade para os que tateiam nas sombras; concedeste-me ouvidos para que eu logre captar a melodia dos mundos, os

murmúrios da natureza e os acordes vocais de todas as coisas. Auxilia-me a colocá-los a serviço dos que não ouvem.

Honraste-me com voz, a fim de que a sua música me facultasse o intercâmbio com os demais seres. Dá-me a alegria de torná-la mensagem encantadora, que emocione, ensine e edifique aqueles que perderam o dom de falar.

Propiciaste-me pernas para vencer as distâncias. Impulsio-na-me a conduzi-las na direção dos irmãos da retaguarda,conci-tando-os ao avanço.

Proporcionaste-me braços, que são alavancas poderosas. Inspira-me a usá-los para levantar os caídos e desfalecentes nos caminhos da vida.

Conferiste-me a razão para discernir. Com ela, proporciona-me a sabedoria para distinguir o que é certo e lícito do que é lícito, porém, incorreto, ou que sendo certo não é lícito fazer, podendo aplicá-la para a edificação do bem com os elementos da verdade libertadora.

Corpo de que me revisto, faze que o utilize para viver e crescer no teu amor, que é a razão de toda a vida.

Alma, que sou, abre-me as portas do progresso para lograr atingir as cumeadas da felicidade, que me destinas.

Ciência. Por mais que a pesquisasse, sempre se deparava com os efeitos das remotas causas que não lograva penetrar.

Encontro feliz

Querendo encontrar a Verade, o investigador buscou a Ciência. Por mais que a pesquisasse, sempre se deparava com os efeitos das remotas causas que não lograva penetrar.

Desolado, refugiou-se na Filosofia. Tão diversas, porém, eram as escolas de pensamento e tão hábeis aqueles que as discutiam, que se aturdiu, mergulhando em confusão.

Por fim, dirigiu-se à Religião. Porque todas se afirmassem verdadeiras, acusando-se umas às outras, descobriu que a quase totalidade era apresentada com paixão belicosa enquanto recomendava a paz.

Perturbando-se, diante dos vários cultos e facções presunçosas, entregou-se à negação.

Um dia contemplou uma fonte, que se espraiava em gentil regato, a densedentar, humilde, homens, animais e plantas. Comoveu-se em silêncio.

Examinou modesta violeta, que salpicava de vivacidade a gramínea verde, sem dar-se conta do perfume que exalava. Entusiasmou-se, reflexionando.

Deteve-se a estudar um fruto rico de vida, que ocultava na massa abundante a sua semente perpetuadora. Alegrou-se em paz.

De experiencia em experiência, nova e vivida, reencontrou o seu próximo, necessitado de socorro e bondade, de amor e compreensão. Porque se doou a ele, penetrou-se da Verdade e nunca mais dela se apartou.

Diálogo sobre o amor

A jovem discípula acercou-se do mestre, e, ruborizando-se, pediu-lhe que falasse do amor.

O sábio sorriu, e, desculpando-se, perguntou-lhe o que ela considerava como sendo o amor.

Emocionando-se, a aprendiz explicou:

- Compreendo o amor, como sendo a ânsia que experimentam as praias, que aguardam os beijos sucessivos das ondas contínuas do mar;

“como a sofreguidão que tem a raiz de introduzir-se no solo, a fim de sustentar a planta;

“como a expectativa da rocha que anela pela carícia do vento, embora se desgaste com isso;

“como o desejo infrene da terra crestada, pela generosidade da chuva;

“como a flauta aguarda pelo sopro que lhe arranca das entranhas a doce melodia;

“como o barro esquecido pede ao oleiro que lhe dê forma e beleza;

“como a semente que necessitava despedaçar-se, para libertar a vida;

“como a lâmpada apagada que exige a energia para brilhar.

“O amor é o sangue novo para o coração e o vinho bom para aquecer a criatura, quando o frio lhe enregela a vida.

“Assim vejo e sinto o amor.

“E vós, como vedes o amor?”

- O amor é o doce e compreensivo companheiro da criatura em todos os dias da sua vida.

“Se esta é jovem, ei-lo que se apresenta, ardente e apaixonado, como no teu caso, mas que segue adiante.

’—“O amor é calmo e ameno.

“Não incendeia paixões; dulcifica-as.

“Confundido com o desejo, permanece, quando este passa.

“Nunca se irrita; porque espera.

“Considerado como instinto, persiste, quando descoberto pela razão.

“Jamais perturba; pois que felicita e produz harmonia.

“O amor é claridade que permanece; é pão que nutre; é vida que se irradia da Vida.

“Mesmo quando não identificado, encontra-se presente, porque, sem ele, a vida não existe ou perderia o sentido de ser.”

A jovem ardente, empalideceu, e, submissa, à voz do amor, pediu ao mestre:

- Ensina-me a amar, eu que agora corro em busca do amor, sem dar-me conta que, em mim, ele se deve irradiar, abrangente, em todas as direções.

- Não te apresses, no amor, e descobrirás que já começaste a amar, quando sentires necessidade de doar e doar-te sem desejares receber nada em retribuição.

Quando a dúvida lhe chegar, maliciosa, indague ao amor qual a conduta a seguir.

O milagre do amor

Quando a saudade avizinhar-se, tentando macerar-lhe o coração, refugie-se no amor e deixe que as recordações felizes luarizem a noite em que você se encontra.

Quando a aflição aturdir-lhe o Intimo, chame o amor, para que a calma e a confiança predominem nas suas decisões.

Quando a suspeita buscar aninhar-se-lhe no coração, dirija o pensamento ao amor e a paz dominará as paisagens dos seus sentimentos.

Quando a cólera acercar-se da sua emotividade, recorde-se do amor e suave balada de entendimento se lhe fará ouvida na acústica da alma.

Quando o abandono ameaçar estraçalhar-lhe os sonhos, ferindo-lhe a alma, busque o amor, que lhe dará fortaleza para prosseguir, embora a sós.

Em qualquer situação, dirija-se ao amor.

Só o amor possui o correto entendimento de todas as coisas e fala, em silêncio, a linguagem de todos os idiomas.

O brilho de um olhar; um sorriso de esperança; um gesto quase imperceptível; um movimento rítmico; um aceno; a presença do ausente; um toque; a música de uma palavra só o amor logra transformar em bênção.

Feito de pequenos nada, o amor é a força eterna que embala o príncipe no leito dourado e o órfão na palha úmida.

O amor é o único mecanismo que conduz o fraco às tarefas gigantescas; que impulsiona o progresso real; que dá dignidade à vida; que impele ao trabalho de reverdecer o pantanal e o deserto; que concede alento, quando a morte parece dominar, soberana...

O amor é vida, sem o qual esta perderia o sentido e a significação.

Quando se ama, a noite coroa-se de astros e o dia se veste de sorrisos.

O amor colore a palidez do sofrimento e o erradica.

Sem este milagre, que é o amor, não valeria a pena viver.

Em tudo está a presença do amor que provém de Deus e é Deus.

Descubra o amor, e ame.

Ame, e felicite-se, colocando, na estrada do amor, sinais de luz, a fim de que nunca mais haja sombra por onde ele tenha transitado a derramar claridade.

Por tais razões, Jesus-Cristo reuniu toda a Lei e todos os profetas, num só mandamento, cuja estrutura comportamental e finalidade última é o “amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”.

Não tema, portanto, amar.

Conhecimento sem amor

O mestre, recolhido em meditação, semelhava-se a uma flor de lótus em pleno desabrochar.

Ensinando, o canto da sua voz evocava o cício da brisa nas folhagens umedecidas pelo sereno da noite.

Os discípulos, à sua volta, entemeciam-se, aprendendo a conquistar o caminho da elevação.

- Vinde comigo - propôs-lhe um dia, o homem santo - e eu vos mostrarei a Lei de Justiça trabalhando as vidas rebeldes.

“Aquele cego recupera, na sombra, o mau uso da visão em outra vida.

“Este paralítico educa as pernas que o levaram ao crime noutra existência.

“Este imbecil recompõe a mente que explorou e vilipendiou em jornada pretérita.

“Os esfaimados, que se entredevoram, nos montes de lixo, ali, buscando detritos para se alimentarem, disciplinam os estômagos viciados pelos excessos, padecendo humilhação, a fim de se recuperarem do orgulho exacerbado em experiências carnavais anteriores...”

Ante o quadro comovedor, um jovem discípulo, sensibilizado pelo amor que lhe brotava na alma sonhadora, interrogou:

- Não poderíamos fazer algo em favor desses infelizes que, afinal, são nossos irmãos?

- De forma alguma - bradou o homem que sabia. - Eles resgatam e devem sofrer o mal que fizeram. Ajudá-los, seria prejudicar o cumprimento das leis... Deixemo-los e cuidemos de evoluir, em nossa meditação e abandono do mundo...

O séquito prosseguiu, e o tempo venceu o ciclo das horas.

O mestre morreu, e um dia, não obstante houvesse conhecido a técnica da reencarnação, voltou ao prosclênio terrestre, sob dificuldades morais e mentais muito severas, como decorrência do egoísmo que lhe minava as fibras da alma e da indiferença pela dor do próximo, que lhe enregelava o sentimento.

*

Não basta o conhecimento, desde que lhe não siga em-pós a ação benemerente e salvadora.

A fé, portanto, abençoada, morre ou é insuficiente para salvar o homem, caso as mãos da caridade não se distendam em atividade de amor.

Morte das ilusões

Contemplando o lago onde esplendia majestoso o plenilúnio, o apressado poeta quis tocá-lo, pois tão próximo estava, que, se adentrando pelas águas plácidas, arrebatou a magia da beleza irreal.

#

Quem não abre o coração ao amor, por mais que o receba, sempre estará sem ele, à semelhança de uma pedra perpetuamente mergulhada no oceano, porém, seca por dentro.

*

Zelosamente recolheu os últimos grãos de trigo da seara depauperada e, desejando perpetuá-los, guardou-os num cofre de mogno adornado de ouro e rubis.

Embora os tivesse ao alcance das mãos, não os permitiu morrer, a fim de que se transformassem, no solo generoso, onde se multiplicariam em bênçãos.

Como efeito, não logrou o pão de que necessitava e os veio a perder, porque não morrendo, aqueles grãos deixaram de viver.

As ilusões são semelhantes ao reflexo do luar, que se dilui com facilidade, assim como as exigências externas sem a participação interior se semelham às pedras, ou o egoísmo que, desejando preservar, destrói a vida.

A realidade ensina que é necessário dissipar as fantasias e o egocentrismo, a fim de que a felicidade estue no coração do homem.

Meditar para agir

Fascinado pela Realidade Transcendente, o asceta abandonou o mundo que lhe parecia hostil, e mergulhou em profunda meditação, no santuário da Natureza

Direcionando o pensamento para a busca divina, logrou superar os condicionamentos corporais, passando a gozar da plenitude.

As viagens do desdobramento espiritual se lhe amiudaram, e, atendido por discípulos emocionados, que passaram a acompanhá-lo, encarregando-se da manutenção das necessidades físicas, que se lhe tomaram mínimas, ao retornar, cada vez, mais exaltava o transe, preconizando o desprezo pela Terra.

Longos dias passava em meditação, realizando o milagre de viver no mundo e conviver com os Mestres nas Altas Esferas, volvendo sempre, mais triste e mais amargo face aos seus limites humanos.

Num grande encontro espiritual defrontou venerando Mestre, que o esclareceu:

- Reencarnaste para viver no mundo e servir os homens. Recomeçaste a experiência para ajudar, daqui havendo partido com a tarefa de transformar o meio doente, no qual se

movimentam as criaturas. Foste investido do dever de conduzir a esperança e acender as luzes da fé e do amor nos corações e mentes infelizes. Certamente, o réconforte que experimentas na Vida Es-tuante é recompensa, que somente se logra após a ação praticada e a luta vencida.

“Fugir do mundo é entorpecer o sentimento e anestesiar a razão.

“Volta à convivência com os companheiros e dá-lhes o que tens conquistado. Ajuda-os a ascender. A meditação é um meio para alcançar-se a ação do bem, que é a finalidade superior da vida.”

Após uma pausa, que se fez natural, o Mensageiro concluiu:

- Buscando a Realidade Transcendente, ama o teu irmão caído e levanta-o, a fim de que, juntos, se ergam às cumeadas redentoras.

O asceta caiu das Regiões Felizes, e, abrindo-se ao amor e à compaixão na Terra, tornou-se uma lição viva de caridade e fé, descendo aos homens para aprender a subir a Deus, porque somente na ação se revelam os propósitos de todo aquele que diz crer.

Motivos de felicidade

Um ancião estava de alegria, à margem do caminho, e cantava um hino de louvor à vida.

Um passante pessimista, magoado com tanto júbilo, indagou-lhe agressivo:

- Por que tal felicidade? Será porque a morte já te espreita?

- Não é por isso; mas por três outros motivos - respondeu o idoso. - Primeiro, porque num Universo onde a vida estua, só o homem pensa e eu sou um homem. Segundo, porque a dúvida que a tantos atormenta, não encontra agasalho em mim: sou um homem de fé. E, por fim, porque todos sabemos que o corpo é de breve duração e eu sou um homem que tem vivido muito. A morte, que a todos espreita em todas as idades, ainda não se recordou do mim; quando, porém, chegar, será muito bem recebida.

“Não tenho razão para ser feliz?”

Lição de sabedoria

A ânsia de conhecimento atormentava o jovem, que mergulhava no estudo sem parar.

Inconformado ante os próprios limites, certo dia buscou um sábio em meditação e indagou-lhe, ansioso:

- Tenho intentado adquirir a sabedoria desde quando comecei a pensar. Leio e caço informações em toda parte, exaurindo-me, às vezes, diante de tanto por aprender. Quando, porém, me poderei considerar pleno, satisfeito diante do que haja armazenado em saber?

O mestre fitou-o, compreensivo, e respondeu:

- Quando lograres a paz, libertando-te da ambição e da ansiedade.

- Isto, porém, - retrucou, apressado - fará de mim um místico e não um sábio.

- Equivocas-te - esclareceu o pensador, tranquilo. - A paz advirá da consciência harmonizada em decorrência de haver compreendido que se possui “sabedoria, quando não se sabe e se sabe que não se sabe; e, quando se sabe, saber que se sabe”, não ambicionando o conhecimento absoluto que só o Criador possui. A presunção faz parecer que se sabe o que não se sabe; e a insegurança do saber, em falsa humildade, afirma que não se sabe o que em verdade se sabe. O homem é sábio quando sabe o quão pouco sabe...

O moço, que buscava mais a proeminência do conhecimento do que a sabedoria, ferido no brio, afastou-se, resmungando, decepcionado, demonstrando o quanto ainda lhe faltava para ser um sábio.

Em toda parte havia experimentado a incompreensão alheia e a dor se lhe agasalhava na alma.

Mensagem da árvore

O aprendiz da vida sentia-se cansado.

Em toda parte havia experimentado a incompreensão alheia e a dor se lhe agasalhava na alma.

Pelos caminhos percorridos suportara as dificuldades, padecendo pedradas morais e sarcasmos.

Se sorria, era tido por tolo; quando se recolhia à meditação, era apontado como alienado.

Os dias constituíam-lhe desafios difíceis e as noites se transformavam em períodos insones de amargas reflexões.

As aparentes alegrias, quais rosas exuberantes, ocultavam espinhos que o picavam.

Foi numa dessas reflexões angustiosas, que se deu conta das próprias dores e planejou desistir...

Atraído por uma árvore frondosa e bela, recolheu-se à sua sombra e, porque se sentisse vencido, pensou em dar cabo da própria vida.

Enquanto planejava o desatino, pareceu escutar a voz da árvore altaneira, que lhe disse:

“ - Amigo, ouve-me! À tua semelhança, cresci suportando dificuldades. Quando era frágil temi morrer mil vezes, esmagada ou arrancada, sem vitalidade nem confiança no futuro.

A vida, que em mim pulsava, lentamente enrijou-me o lenho, fazendo-me dobrá-lo quando rugiam as tormentas, a fim de não sucumbir, logo refazendo a postura e insistindo com coragem.

O desdobrar dos ramos atraiu aves que se aninharam em meus braços buscando amparo.

Vendavais inesperados feriram-me, arrancando-me galhos e ameaçando-me o tronco.

Raios perigosos caíram próximos de mim, abalando-me profundamente até às raízes.

Quando comecei a florir e frutescer, desocupados apedrejaram-me sem consideração nem piedade, numa fúria cruel.

O sol queimou-me por longos períodos e a chuva encharcou-me vezes sem conto...

Passada cada estação recompunha-me sem desânimo, confiando na vida.

Partes de mim foram retiradas e hoje adornam vários lares.

Dilaceraram-me com machados afiados, serras elétricas, plainas e pequenos canivetes abrem-me letras que cicatrizam no meu tronco...

É possível que, um dia, arranquem-me daqui e me transformem em tábuas ou vigas fortes e os meus ramos frágeis se tornem combustíveis. Eu, todavia, esperarei, confiando na vida e tudo fazendo para prosseguir até que termine o meu ciclo e retorne ao solo amigo, donde emergi, sabendo que as minhas sementes permanecerão repetindo a minha experiência por tempos sem fim.

Medita, amigo, e bendize as tuas dilacerações, prosseguindo até o momento em que a libertação natural te chegue e te faça voar nas asas do vento, no rumo do infinito.”

O homem, que invejava a árvore e queria utilizá-la para destruir o corpo, meditou, sorriu, agradeceu a mensagem oportuna e retomando o ânimo, saiu confiante, seguindo adiante, sem mais reclamar.

Sonho e vida

O lago plácido refletia o luar de prata, enquanto o homem apaixonado se enamorava de Selene.

A brisa leve e perfumada derrubou pequenina folha sobre a superfície tranquila das águas, arrebatando o cromo poético.

*

Enquanto o deserto abrasador se alongava, o viajante cansado se ajoelhou emocionado e feliz: mas estava diante da miragem de um oásis verdejante...

*

Deitou-se o caminhante na praia imensa, e, sedento, não podia sorver uma baga do líquido precioso do mar salgado.

*

Cultivando o corpo que ia morrer descuidava-se de si mesmo, que seguiria por toda a Eternidade.

*

Sentia fome e possuía grãos. Impaciente, cozeu-os todos e se alimentou com fartura. Porque não tivesse usado a previdência, depois pereceu esfaimado.

Comovido, o artista se demorava estudando fotos da natureza, enquanto, em derredor, havia uma festa natural no jardim, no pomar, na floresta que ele nunca tinha tempo de contemplar.

#

O orador infundia entusiasmo nos ouvintes, decantando a beleza e a glória do sofrimento, que ele ainda não tivera ocasião de experimentar.

#

O mundo é rico de fantasias, fantasistas e fantasmas...

A realidade sorrateira, porém, chega e põe um ponto final, doloroso, na ilusão.

Feliz é aquele que, ante o licor não se embriaga, nem diante da imaginação enlouquece.

Viver o programa da realidade com beleza, é a conquista mais auspiciosa pela qual deve lutar, quem planeja possuir a paz.

Sintonia da vida

O aluno acercou-se do sábio mestre e indagou:

- Tenho buscado o caminho da sabedoria. Desde jovem estudo sem cessar. Os segredos das Matemáticas e as sutilezas da Lingüística, a harmonia da Música, os detalhes da Geografia e os fatos da História têm-me sido uma preocupação constante.

“Amo a Poesia e cultivo a Estética, viajo nos infinitos caminhos da Astronomia, busco o requinte do Verbo e me afadigo para interpretar a Teologia.

“Sinto-me cansado, quando poderia estar feliz e sofro soledade no momento em que

poderia estar pleno.

“ Que me falta, mestre?”

O amigo da Sabedoria real meditou um pouco e respondeu sem vacilação:

- Iluminaste o cérebro e deste beleza aos sentimentos, no entanto não te importaste com a Ciência e Arte mais valiosa, aquela que melhor gratifica, isto sem desdouro para as outras correntes do conhecimento.

- E qual é? - indagou, ansioso.

- A de amar-servindo e servir-amando - ripostou o mestre. - Iniciando-a pelos exercícios da amizade, a música do amor preenche a pauta feliz das horas e os demais contributos da inteligência como da beleza, fazem-se um coro harmonioso para que estue essa fantástica sinfonia da Vida.

Presunção e grandeza real

Sobre verdejante relva uma violeta colorida exalava perfume.

Um animal invejoso, então, ameaçou-a:

- Esmago-te e se acaba a tua beleza.

Respondeu-lhe a flor:

- Se o fazes, abençoó-te com o meu perfume e viverei impregnada em ti.

*

Desgostoso com o brilho do pirilampo, coaxou o sapo repelente:

- Cubro-te de baba peçonhenta e apago tua luz.

O inseto pequenino sorriu e contestou:

- Sacudindo tua peçonha de sobre mim, prosseguirei brilhando.

#

A flauta, recostada num estojo de veludo, zombou de ágil rouxinol numa gaiola de frágeis talas de palmeira:

- Sou maior do que tu e mais nobre. Toda feita de prata, passeio por mãos perfumadas e recebo os beijos do artista que me sopra. E tu?

A avezita feliz, surpreendida com o motejo, redarguiu:

- De minha parte, não tenho inveja de ti. É certo que és bela e forte, enquanto sou pequeno e frágil. Apesar disso, consigo algo que jamais lograrás: sem que ninguém me sobre, eu canto.

E passando à ação, pôs-se a trinar, embevecido.

*

A vela tremeluzente, espalhando fraca luminosidade, gabou-se de haver vencido a sombra.

A estrela de primeira grandeza, fulgurante no Infinito, todavia não comentou nada.

*

A lagarta rastejante reclamava por viver naquela situação lastimável.

A vida escutou-a e deixou-a dormir.

Quando despertou, flutuava no ar como leve e feliz borboleta.

*

O regato risonho acusou a vegetação da margem porque esta lhe roubava o líquido precioso.

Arrancada, impunemente, por mãos irresponsáveis, dela o córrego sorriu, vitorioso.

Sem a defesa natural, que a sombra lhe propiciava, a ar-dência do Sol, por sua vez, absorveu a água, e o regato desapareceu.

*

O pavio, na lamparina, petulante, disse ao azeite em que mergulhava:

- Como te desprezo, pegajoso e desagradável, que és.

O combustível calou e prosseguiu, humilde, permitindo-lhe arder e iluminar, pois que tal, era o seu mister.

*

A soberba fenece, após o brilho ilusório, enquanto a humildade permanece e felicita. Seja você aquele cuja importância ninguém nota, mas, quando se encontra ausente, nada funciona.

Cumpra, assim, com o seu dever, e não se preocupe com a presunção ou a fatuidade dos que estão enganados em si mesmos.

Você é vida! Aja com inteireza e nunca passará.

As três indagações

O aprendiz acercou-se do eremita e indagou:

- Desejo saber qual o momento mais importante da minha vida; a pessoa mais valiosa para mim e a tarefa mais relevante que devo executar? Tu, que és sábio e penetras no futuro do tempo, ajuda-me e esclarece-me.

O homem santo meditou, e, considerando a imaturidade do discípulo, respondeu:

- Agora é o momento mais importante da tua existência, pois que aqui estás; a pessoa mais relevante para a tua experiência evolutiva és tu mesmo, porquanto, apenas de ti depende o êxito ou o fracasso da tua vida atual; e a realização mais significativa para ti aqui se expressa no serviço de auto-iluminação através do amor, do estudo e do bem que nunca se devem apartar das tuas horas.

O jovem, que ambicionava um futuro portentoso, um relacionamento social honroso e realizações bombásticas, não pôde ocultar a decepção que se lhe desenhava na face, afastando-se, cabisbaixo, sem dizer palavra alguma.

Não teve a sensatez de entender que agora é o momento eterno; que ele próprio é o construtor da felicidade; e que a obra grandiosa resulta das pequenas contribuições do amor, do conhecimento e do bem.

O oceano da verdade

O aprendiz sincero da Verdade acercou-se do Mestre e propôs-lhe:

- A calúnia fere-me a alma e a incompreensão deliberada persegue-me a vida. Sinto-me aturdido e cansado. Que fazer?

- Alegrar-se - respondeu o sábio - por estar sofrendo.

- Todavia, sou inocente.

- Por isso mesmo deves rejubilar-te. O aplauso à inocência vem da consciência tranqüila. Quando alguém sofre a imediata correção ou censura ao erro praticado, reabilita-se. Mas se é inocente daquilo que lhe acusam, deve sentir-se feliz, porque a justiça assim o alcança, convidando-o a reparar delitos outros que ficaram ignorados.

- Embora reconheça a justeza do ensinamento, sofro com as dificuldades que me são postas à frente. Como proceder?

Fazendo uma pausa para reflexionar, elucidou, o santo:

- Humilde nascente água, oculta num bosque feliz, vivia ignorada e tranqüila. Oportunamente, um viandante, cansado e sedento, encontrou-a e refrescou-se, abençoando-a após.

“Animada com o fato, a fonte rogou a Deus que lhe permitisse crescer, porquanto gostaria de atender os animais, as aves e alguns passantes combalidos...”

“A Divina Misericórdia ouviu-a e produziu chuvas que lhe aumentaram o potencial, fazendo-a transbordar e tomando-a um córrego generoso a alongar-se por sobre a terra gentil.

“Entusiasmada, por atender as necessidades a sua volta, atendendo também as plantas por onde passava, a antiga nascente exorou mais força, porquanto gostaria de alcançar uma área maior e beneficiar mais...”

“A Suprema Sabedoria concordou, facultando que mais chuva caísse no seu ponto de origem e aumentando-lhe o caudal propiciou-lhe alcançar distâncias que antes sequer eram conhecidas.

“Numa curva, porém, mais acentuada do seu curso, o riacho encontrou seixos e pedregulhos que lhe pareciam impedir o avanço. Porque tivesse força carregou-os, deixando-os à margem ou fixando-os ao leito por onde corria.

“Pelo caminho foi encontrando outros córregos aos quais uniu suas forças e prosseguiu.

“Mais à frente, no entanto, deparou-se com um tronco tombado no seu curso, que lhe obstaculizava o avanço...”

“Sem qualquer reclamação aquietou suas águas e cresceu até transpor o impedimento, seguindo adiante e, por fim, depois de muitos desafios alcançou o mar, com o qual misturou suas águas.”

Fazendo um silêncio oportuno para melhor facilitar ao queixoso a compreensão do ensinamento, concluiu:

- Todo aquele que busca o oceano da Verdade libertadora, deve crescer e avançar na sua direção. Quando surgirem problemas e dificuldades que não possam ser afastados, é necessário silenciar, trabalhar e crescer ultrapassando os óbices, em razão do destino à frente, que deve ser conquistado.

“Assim, nunca deve relacionar os desafios nem os obstáculos. Antes cumpre-lhe alegrar-se com o terreno já percorrido, estimulando-se para vencer o trecho que se alonga à espera para ser vencido.

“Diante de novos dilemas é necessário orar para que a chuva do auxílio superior lhe chegue, fortalecendo-o com os recursos que lhe proporcionem a tudo superar, até o momento do grande encontro, no qual se plenifica e tranquiliza.

“Desse modo, segue tu, adiante, fazendo o mesmo.”

O discípulo compreendeu a lição e prosseguiu, antego-zando o momento de penetrar no oceano da Verdade.

Não mais se deteve na queixa ou na amargura, na dor ou no ressentimento, despreocupando-se quanto à necessidade da defesa pessoal ou da justificação, pois que a sua era a meta superior que o esperava e não as falsas alegrias do aplauso transitório que no momento disputava.

Em meditação

Os olhos transparentes e doces do missionário tornaram-se fulgurantes, enquanto ele falava.

A musicalidade do ar fizera-se a moldura do seu verbo.

Os ouvintes comovidos bebiam as palavras com sofregui-dão, qual terra sáfara absorvendo a umidade que a abençoava.

- Dharana é a busca da razão -disse-lhes ele-qual condor alçando-se às cumeadas rochosas onde tem o ninho.

“Raciocina, examina, discerne, passo a passo, avançando como um fim perseguido.

“Dharana é a concentração, fixidez na idéia que se penetra e se diseca, procurando calma, equilíbrio de células e conquista de forças.

“O condor repousa após atingir os alcantis distantes.

“Nossa busca para o samadhi é dhyana, plenitude além e acima da razão.

“Paz interna que envolve; música em uma nota só; nenhum desejo nem preocupação.

“É o fim da própria angustiante busca, sem outros meios, senão o mergulho interior.

“O samadhi, a iluminação, acalma e enriquece o coração de beleza e a mente de sabedoria para o milagre do amor.”

Pairou no ambiente uma grande emoção.

- Mestre - perguntou, perplexa, a jovem discípula - como meditar sem pensar?

- A disciplina da vontade que comanda os desejos - respondeu, suave - sobrepõe-se às ansiedades da aquisição, e, qual uma luz acesa dentro de uma lâmpada irradiando claridade em todas as direções, apenas brilha...

Quando o homem santo silenciou, dele se exteriorizou branda luz; os seus olhos profundos converteram-se em duas estrelas fulgurando na face vestida de serenidade.

*

Dharana — Palavra sânscrita que literalmente significa conservar a atenção, concentração.

Dhyana — Idem, significando meditação, um estado de ser graças ao qual se descobre o que a vida é em si mesma e em seu derredor.

Samadhi —É o estado de plenitude, de iluminação.

(Notas da Autora espiritual)

Assim falou

O mestre ensinou aos ouvintes atentos:

- Desejais a sabedoria. Meditai!

“Não se pode analisar infor/nações novas mediante con-ceitos equivocados. O caminho a percorrer por essas regiões desconhecidas é o da entrega total. Deixar de lado as veredas percorridas mais longas, e buscar a via reta, abandonando as ro-tas já transmitidas.

“Conhecimentos não identificados ainda exigem atenção, reflexão fora dos métodos habituais da dúvida, da incerteza, dos questionamentos da vaidade, que interroga sem saber por quê.

“A semente rebelde morre sem dar vida. Aquela que se submete à experiência do solo em entrega plena, produz em abundância.

“Conhecer-se é o desafio que proponho, cada um descobrindo-se sempre e mais, graças ao que se lobriga descobrir o mundo.

“O auto-aperfeiçoamento é mais importante que a conquista de todos os outros títulos mundanos que não preenchem o vazio do eu ambicioso.

“A elevação é conquista íntima, pessoal, embora o estágio físico em qualquer posição

que a pessoa se encontre.

“Quem não esteja disposto a vencer-se nas batalhas constantes do seu mundo interior, mesmo que triunfe nas arre-metidas externas, descobre-se em fracasso.

“Somente quando o amor nivelar todos os sentimentos em fraternidade cuja maior ambição é a paz geral, é que o homem se terá encontrado, superando-se e ascendendo.”

Assim falou o mestre. Nada mais disse, nem pareceu necessário.

Programa de vida

O candidato à reencarnação acercou-se, jubiloso, do Instrutor Espiritual encarregado da programática de sua vida futura e inquiriu:

- Quais são as últimas orientações que deverei guardar como recurso de segurança para o êxito?

O Mestre sábio abrangeu o ambiente com um olhar penetrante e respondeu:

- São necessários alguns dos seguintes valores para uma jornada feliz, que nunca poderão ser desconsiderados:

a humildade como fortaleza inexpugnável;

a paz como couraça de defesa;

o conhecimento como instrumento de progresso;

o livro como amigo silencioso;

o trabalho como degrau de ascensão;

a prece como apoio contra as tentações;

a beneficência como investimento de felicidade;

a honra como alicerce de resistência;

a esperança como material de edificação contínua;

o amor como vínculo de união com Deus e a vida.

O aprendiz meditou largamente e, cabisbaixo, considerando a gravidade da empresa reencarnacionista, mergulhou na névoa densa da Terra para recuperar-se e aprender.

Parábola da saúde

O discípulo acercou-se do mestre e indagou:

- Sinto-me extenuado. A mente tresvaria. A ciepressão me desgoverna. Que deverei fazer?

O sábio respondeu-lhe:

- Toma estas sementes e planta-as, após preparar a terra. Ao segar a sua produção, retorna.

O enfermo partiu e trabalhou.

Meses depois voltou, ansioso, indagando:

- Fiz como recomendaste. Gastei-me no sol e na chuva. Preparei o solo; plantei o grão; resguardei a seara e trago-te milhões de outras sementes. No entanto, sofro. E agora?

- Retorna aos sítios abandonados e recupera a área, ali outra vez semeando.

O aprendiz partiu e voltou à experiência agrícola. Aumentou a produção.

Posteriormente buscou o instrutor e o mesmo pediu que repetisse o serviço.

Enquanto isso sucedia passava o tempo.

A ação do trabalho consumiu as falsas preocupações do candidato à saúde que, por fim, compreendeu que o trabalho é o melhor auxiliar e companheiro para conquistar a vida e bem utilizar do tempo, único medicamento contra a depressão, o cansaço e a ociosidade, que

são geradores de alguns dos muitos males que grassam e vencem os que se lhes entregam sem resistência.

Ilusão da realidade

Contemplava o luar prateado refletido no lago-espelho e se comovia.

A face repousante das águas tranquilas subitamente se arreventou ao suave toque de uma folha que o vento depôs, quebrando a ilusão...

Decepcionada, a observadora saiu triste, esquecida de que, acima da sua cabeça, num céu de escura turquesa, o luar espriava, argênteo, sua luminosidade projetada, convidando à reflexão.

*

Água, luar e ilusão.

Céu transparente, lua e realidade.

Há aqueles homens do mundo que, não obstante a poesia da realidade duradoura e envolvente, preferem a visão precária da ilusão em que se envolvem...

A fantasia passa com rapidez, e magoa. Mas, a realidade, que, de início, fere, apazigua e conforta depois, por ser permanente.

Lua e lago - são opções para quem busca a realidade e para quem ainda prefere a ilusão.

E aquietando-se

O candidato ao Nirvana acercou-se do mestre e indagou:

- Tenho medo de acalmar-me. A meditação parece levar-me a um estado de anulação do pensamento. Por que será, senhor?

O inspirado reflexionou, e, tranquilo, redargüiu:

- O homem racional, quando mais astuto do que inteligente, é imbecil. E todo arrogante imbecil receia parar a mente porque se tal acontecer, suceder-lhe-á a iluminação.

“Aquieta, portanto, o teu macaco louco, que é a inquietação mental, que salta de idéia em idéia, como de um para outro galho, sem deter-se num ideal de elevação.

“Para tanto, liberta-te, atira fora os pensamentos frívolos, vulgares, perniciosos, da mesma forma como são jogados ao rio, os troços de madeira podre, que flutuam até serem consumidos pelo atrito das águas.”

O aprendiz ouviu, asserenou-se, e, a partir dali, entregando-se à meditação sobre a verdade, tornou-se iluminado pela sabedoria e pela paz.

O tesouro

Conta a Mitologia oriental que os deuses reuniram-se, a fim de oferecer ao homem o mais valioso tesouro que existe.

Na discussão natural que se estabeleceu, um deles propôs:

- Onde guardaremos esse bem, de modo que o destinatário utilize-o com sabedoria, sem risco de perdê-lo?

Outro, que tinha o hábito de aconselhar, sugeriu:

- Depositemo-lo no fundo do mar, obrigando a criatura a buscá-lo.

Após alguma reflexão, o primeiro redargüiu:

- Não me parece o lugar ideal, porquanto, o homem, desenvolvendo a inteligência construirá um equipamento especial e o en-contrará, talvez, antes do tempo.

- Então - sugeriu, um outro - coloquemo-lo no céu...
- O problema permanece - voltou o interrogante a elucidar. - É provável que ele invente um aparelho e alcance o lugar onde o guardamos.

Foi, neste momento, que o deus da meditação apresentou seu pensamento, dizendo:

- Ponhamo-lo no seu coração, onde ele somente o terá, quando, superando as ambições mundanas, adquira a sabedoria e resolva-se por viajar no rumo da vida íntima, ali encontrando a paz.

A sugestão foi aceita por unanimidade.

Esse tesouro de valor inestimável aguarda, no coração da criatura, pelo momento em que buscado com afincos e sacrifício, enriqueça-a, libertando-a de toda aflição.

Fatalidade

A luz mirífica de Buda se irradiava, envolvente, atraindo a multidão.

Um jovem dele se acercou e rogou-lhe que o abençoasse.

O mestre animou-o e pediu-lhe que fosse, caminho afora, recitando um mantra de paz.

Quando saiu, alguém perguntou-lhe:

- Qual é o destino desse moço gentil?

O iluminado reflexionou por um pouco e respondeu:

- Dentro de alguns momentos ele será assaltado e morto por malfeitores.

- E por que o mestre não o advertiu, ao invés de pedir-lhe para cantar um mantra?

- Porque a esse destino ele faz jus. O mantra o acalmará, preparando-o para o resgate que o aguarda, já que, após o despir-se do corpo, ele irá defrontar a imortalidade e integrar-se na vida plena.

*

A fatalidade é desgraça para quem se lhe torna instrumento irresponsável, em razão de vincular-se-lhe pela sintonia inferior.

A vítima do aparente infortúnio, se resignada, faz-se feliz, porque resgata os seus erros, adquirindo a consciência harmônica.

A Lei de Deus se cumpre e alcança a todos por mecanismos sábios, sem a presença de intermediários que se lhe tornam incursos, face à invigilância e à precipitação.

Prece de exaltação

Tu és a Luz.

Eu sou a sombra.

Tu és o Oceano.

Eu sou a gota de água.

Tu és a Vida.

Eu sou a aspiração.

Tu és a Plenitude.

Eu sou a tentativa.

Tu és o Amor.

Eu sou a necessidade.

Tu és o Poder.

Eu sou a fragilidade.

Tu és a Riqueza.

Eu sou a carência.
Tu és a Glória.
Eu sou o sofrimento.
Tu és o Sol.
Eu sou a lamparina.
Em tudo vejo-Te, meu Senhor, na eloquência da grandiosidade.
Aspiro liberar-me, e detenho-me no solo, ansiando pelos espaços, na jaula das paixões.

Alonga-Te até mim, e ergue-me, Tu que és a Causa, enquanto eu sou o efeito em crescimento.

Sugestão fraterna

Ouve, amigo,
A advertência que tenho comigo
E te ofereço, feliz.
Venho aprendendo com a vida Que a dor e a lágrima sentida Constituem degraus de ascensão Na escada de redenção.

Aprende a calar a ofensa Não revidando mal por mal Que estiola e não compensa.
Infeliz é quem amaldiçoa Apegado a triste fanal.

Cala a injúria que te atiram Ignora a calúnia ofensiva Vive o bem em defensiva Sem nivelar-te ao detrator. Há quem ame e persiga, Oscule e maldiga O companheiro de ideal.

Assinalado pela inveja O atormentado difama, persegue e agrava A própria situação.

A noite por mais sombria

Não apaga as estrelas reluzentes...

A pedra esmigalhada Sofre e faz-se utilizada Para o bem geral.

Mesmo tentado ao revide Pela pertinácia do algoz Recolhe-te ao silêncio, a sós.

Aguarda o tempo E porfia na tua ação.

Quem calunia está enfermo; Quem ofende, enlouqueceu... O traidor se desventura,

O hipócrita vive em amargura, Mas a vítima caminha em paz.

Tu, que conheces Jesus,

Que nEle crês E queres segui-IO,

Aprende a amar os difíceis de ser amados, A resgatar os débitos passados Ante as leis da vida,

Abençoando aqueles que te maceram, Quantos não te compreendem,

Todos aqueles que tateiam nas trevas E nelas se encarceram.

Faze tua a luz,

Clareia-te por dentro.

E vivendo Jesus

Conquistarás todos realmente para o bem.

Ouve, por fim, amigo:

Não dês atenção ao mal,

Não te deixes envenenar Pelos que perderam o ideal.

Reage à informação malsã,

Educa o maledicente Semeando, nele, a luz da bondade Em qualquer lugar e situação

Não te olvides da caridade...

Os que dizem amar E trazem notícias infelizes São iguais aos outros Os que se enredaram nas raízes Do tormento que os leva A terrível alucinação. »

Cerra a mente à maledicência E ignora a maldade que agrilhoa O prejuízo maior é para quem trai, Para quem mente,

Para quem magoa.

Ergue-te e segue a trilha Do bem sem limite.

Perseguido, mas gentil; Incompreendido, mas generoso; Dispensando a bondade Que deve luzir por todos os dias Na concha do teu coração Clareando os passos da tua vida Na antemã querida Da tua Libertação.

